

No palco da memória

Carmen Dolores

Da minha língua vê-se o mar.
Vergílio Ferreira

SEXTANTE EDITORA
Ficção



Escrever é bom!

Escrever é como trautear uma canção

Virginia Woolf

Para mim, escrever, sempre foi uma fuga, uma fuga do mundo que me rodeia. No entanto, o que escrevo acaba por ser um olhar curioso sobre esse mesmo mundo, tão perto e tão distante, que tanto me atrai como me desgosta.

Escrever em cadernos bonitos, começou por ser um dos grandes prazeres da minha juventude. Naquelas páginas, eu escondia os anseios, os sonhos, os segredos que guardava avidamente longe de qualquer olhar indiscreto. E continuei sempre a escrever sem saber porquê e para quê. Era um desabafo que não devia ser dito para ser ouvido e mal interpretado, era uma emoção ao ver aquela árvore diferente das outras, era um divagar de sonho em sonho... era um nunca acabar de confidências, para rasgar a seguir ou para esconder no canto mais discreto da gaveta perdida.

«Os meus papéis! Que eu também tenho os meus papéis...», como dizia a minha Maria de Noronha, do *Frei Luís de Sousa*.

Gostava que da minha escrita saíssem de imediato as palavras mais coloridas e vibrantes, capazes de suscitem imagens que saltassem à vista pela sua expressividade, pelo

seu fulgor, sem precisarem da voz (minha?) para serem logo apreendidas na sua essência.

Porque eu preciso da oralidade para melhor entender, para melhor sentir. Sou transportada pelo poder da voz, pela beleza da boa articulação, pelo significado das pausas que são a forma mais perfeita de se dar a entender tudo o que está implícito nas entrelinhas. Talvez por isso a escrita para mim precise de um ritmo, de mais um adjetivo aqui ou acolá, de uma determinada cadência, embora se trate de uma prosa simples e sem pretensões. Eu escrevo como quem fala; não sei (e, se calhar, nem quero) escrever de outra maneira...

Daí este gozo que me dá surpreender-me com as palavras novas que, sem serem esperadas, vão preenchendo a folha que se entrega feliz a este jogo.

É como se ouvisse o fantástico Almada segredar-me: «Nós não somos do século de inventar as palavras. As palavras já foram inventadas. Nós somos do século de inventar outra vez as palavras que já foram inventadas.»

Nunca pensei escrever um segundo livro de memórias, embora o primeiro tivesse como título *Retrato inacabado*.

No entanto, o tempo foi passando e comecei a anotar, numa espécie de diário, o que me ia acontecendo, o que ia observando, o que me despertava mais interesse... e assim surgiu este *No palco da memória*, para que fique um registo daquela que ainda sou, uma referência aos trabalhos em que fui participando, e até um recordar do que se escreveu a meu respeito.

De mim

*Êreis feliz, minha irmã?
Começo neste momento a tê-lo sido outrora.*

Fernando Pessoa

A sós

Gosto de estar a sós comigo.

Preciso de descobrir o que existe ainda cá dentro, por explicar. Afinal, quem sou eu, verdadeiramente?

Quando me lembro dos sonhos – sonhos, porque me vejo sempre perdida por sítios desconhecidos, à procura de uma saída que nunca consigo descobrir e acordo, sem ter terminado o sonho, com o tal caminho por achar?

Qual o significado de tudo isso?

Por vezes, tenho a sensação de que realmente nunca existi.

No entanto, vejo-me de regresso à casa de meus pais e tudo permanece como dantes. Os móveis, a família, com as idades que teriam nessa altura, e eu... sempre menina, correndo por aquele corredor comprido e escuro. Ouço ainda as respirações, no silêncio da noite. É como se o nosso núcleo não tivesse desaparecido. Mas não consigo já ouvir as frescas gargalhadas da minha mãe, os «discursos» brilhantes do meu pai, a tosse da minha querida Gija, as graças do meu irmão...

Como se apenas de filme mudo se tratasse.

Mas só eu é que me mexo, eles parecem parados num tempo que não sei definir. Continuo a abrir as portas (tantas) mas eles não reagem, apesar das suas expressões tranquilas, de quase felicidade.

E tenho a sensação de que o tempo realmente não existe. Nem nós. Que tudo se projecta no vazio.

Viajar no passado terá os seus inconvenientes. Pode ser perigoso se não soubermos *viver* no presente, embora recolhendo ensinamentos e energias para o futuro.

Verifico com alguma estranheza – hoje, sinto-me muito mais real.

Porque há algo que se acrescenta em cada dia que passa?

Porque, por muita idade que se tenha, todas as horas estão à beira de novas descobertas?

Porque há sempre mais alguma coisa para aprender?

É verdade que todos os dias continuo a surpreender-me com aquela que sou.

Será porque dialogo comigo mesma e vou descobrindo coisas de mim que ainda não sabia?...

Como é que uma mulher da minha idade consegue ainda surpreender-se?!

Talvez porque ainda não chegou a hora de estar cansada de mim...

Recuso-me a ter um olhar baço de quem já não tem mais nada para ver.

Ao espelho

O espelho continua ali, no mesmo sítio de há muitos anos, mas, pela primeira vez, como se alguma coisa especial me tivesse atraído, parei e olhei-me até ao mais fundo dos meus olhos, que me pareceram enormes, esbugalhados, como antigamente. Quase me fez medo fitar com tanta intensidade aqueles olhos, como se de mim só eles existissem. Aterrador.

Quem era aquela mulher escondida atrás de um olhar?
Que enigmas a cercavam? Que alma assustada se ocultaria
com receio de ser descoberta?

E fugi. Fugi com medo de mim.

O silêncio

Desde muito nova, aprendi o silêncio. Ou foi ele que se me impôs? Ou foi ele que se tornou descoberta?

Foram tão importantes os momentos solitários que vivi voluntariamente longe de todos, habitando o silêncio da pequena sala que tornava o meu mundo povoado de sonhos, de figuras imaginadas, algumas saídas dos livros que lia com sofreguidão, personagens que eu pretendia materializar, dando-lhes ao mesmo tempo uma alma. Devia ser já a actriz a imaginar mil vidas para além da sua, insignificante ainda, sem história digna de ser contada.

Mas hoje continuo a precisar desse silêncio quente, para viver os meus sonhos acordados, para sentir os antigos sonhos, sempre mais sonhados que vividos. E a minha alma parece murmurar: deixem-me continuar sonhando, assim tranquila, neste silêncio que nunca me dói... neste silêncio que se me agarrou à pele, como uma alma gémea da minha.

Imagens

Às vezes, inesperadamente, surgem diante dos nossos olhos certas imagens do passado, sem parecerem ter qualquer ligação com o momento que se está a viver.

Aparecem como *flashes* e despertam em nós antigos ou novos sentimentos. Pois ainda não percebi se os sentimentos se repetem tal qual; porque, à medida que se vai vivendo, a

própria maneira de sentir dá impressão que acaba por se modificar.

A máquina fotográfica

Minúscula. Sem qualquer pretensão de qualidade. Apenas para a menina brincar.

Mas foi uma festa. Corri ao grande quintal, em Oliveira de Frades, e fotografei, orgulhosa, uma leira de couves.

Quando as fotografias foram vistas pelos outros, todos me perguntaram curiosos, porquê fotografar aquelas couves. Não soube responder. E ainda agora me interrogo, ao olhar surpresa essa pequena foto que conservei sempre, qual teria sido a razão que me impeliu a escolher aquele recanto do quintal, para ficar como registo da primeira e ambicionada fotografia tirada por mim.

Seriam elas cúmplices dos meus sonhos? Couves... imagem pouco poética. E eu tinha ali, à mão, tantos canteiros de flores, as altas espigas de milho, os próprios cachos de uvas, nas luzentes latadas, prestes a serem colhidos, naquele Setembro de doce nostalgia.

Ou tratava-se de recompensar as espécies menos contempladas, as mais vulgares, as que não despertam a atenção?

Quem poderia lembrar-se de fixar para sempre aquela imagem, considerada por todos sem qualquer atractivo?

Eu, a menina de olhos tristes, de atitudes por vezes inexplicáveis, a menina enigma para si própria.

E as couves, não teriam algo a transmitir-me, a lembrar-me que também eram sensíveis ao sol, ao luar, à aragem refrescante da tarde?

Lembro que, nessa altura, andava entusiasmada a ler os livros do Paolo Mantegazza, em especial *A alma das coisas*. Estaria eu à procura da «alma» de tudo o que me rodeava?

As couves poderiam ter alma, porque não? Era essa alma que eu procurava? Ou eram aqueles tons de verde que me atraíam? Porque, então, o verde era a minha cor. Gostava de me vestir de verde. (Para me confundir com a natureza? E já fazer parte desse todo?)

Também foi quando escrevi aquela quadra de sabor popular:

Dizem que o verde é esperança
E eu, de verde me vesti.
Quem espera sempre alcança,
Eu... vou esperando por ti!

Por quem esperaria eu, aos onze anos, naquele longínquo Verão de 1935?

O «galinheiro» do Teatro Nacional

Passou-se há tantos, tantos anos, que podia estar esquecido, mas lembro-o com a nitidez dos dias de hoje. Eu e o meu irmão, lá em cima, na geral, a que naquela altura se chamava galinheiro; em França, era mais poeticamente conhecido pelo *paradis*. Existe até um filme de antologia, realizado por Marcel Carné, que se intitula *Les enfants du paradis*. Filme que fez as minhas delícias, com uma majestosa Arletty e um Jean Louis Barrault e uma María Casares, surpreendentes, em princípio de carreira. Os diálogos, deliciosos, eram assinados por Jacques Prévert.

Nós estávamos habituados, em vida do nosso pai, a ter sempre um camarote da primeira ordem, em qualquer dos teatros. Depois, os tempos mudaram e naquela noite, para assistir a uma representação do *Frei Luís de Sousa* no primeiro

teatro do país, as nossas possibilidades materiais apenas nos davam acesso ao chamado galinheiro.

Eu estava de tal forma emocionada, nos meus dezasseis anos, que não sabia se havia de rir ou chorar. A cena vista lá de cima parecia ainda mais irreal, o teatro mais teatro. O público também era mais expansivo e mais irrequieto que os senhores lá de baixo.

A voz possante do Alves da Cunha, no protagonista, ecoava em toda a sala, a figura da Palmira Bastos, mesmo vista àquela distância, não perdia a imponência, e a Lalande mais frágil do que nunca, era como uma andorinha perdida, naquele palco que me parecia imenso.

Quem diria que, vários anos depois, seria eu aquela mesma Maria de Noronha e mais tarde ainda a Madalena de Vilhena, exactamente naquele palco, então já familiar e sem segredos para mim.

Não sei se alguma vez me dirigi de maneira especial àquele público do galinheiro. Se fosse hoje, que o tenho tão presente, certamente me teria dirigido a ele, com o carinho e reverência que me merecem todas as pessoas que vão ao teatro pelo prazer de viverem um sonho.

Irmão

Irmão, a ti o meu canto. Por tudo o que foste e julgaste não ser. Tu, que sempre te menosprezaste, tu que no fundo nunca acreditaste em ti, tu que acabaste por não resistir ao peso dos teus sonhos que foram tantos e tão belos e que podiam ter sido tão humanamente reais. Humanamente, como tu sempre soubeste viver, apesar de em tantas coisas te sentires terrivelmente frustrado.

Será que te realizaste em alguma coisa? Completamente? Não creio. Tudo em ti parece ter ficado a meio do caminho,

dum caminho que tu, afinal, parecia querer evitar, mas que seguias sempre com um sorriso meio definido e uma graça subtil à flor dos teus lábios bonitos.

Passaste entre as pessoas, como uma pena no espaço, sem tocar em nada, nem em ninguém, talvez com receio de que ao mais leve contacto algo se quebrasse.

Sonhaste os teus sonhos e quase eras feliz assim; talvez pensasses que os sonhos não devem passar de sonhos, para poderem alimentar a alma. A tua alma, que deve continuar por aí pairando, e como alma boa que sempre foi, distribuindo bênçãos por todos os caminhos.

Irmã

À sombra de Chagall

Gi, vou contar-te o sonho teu, que esta noite eu sonhei.

Sonhei que eu não era eu. Olhava o espelho e não era o meu rosto que via reflectido na superfície que, de tão polida, quase feria os olhos que não pareciam ser os meus. Mas aquela expressão, aqueles traços eram-me tão familiares... olhei mais atentamente e vi os teus olhos, a tua boca. Estranha sensação. Ser e não ser eu.

E pensei, como sentir o que tu sentirias, como agarrar os teus sonhos, fazer meus os teus sonhos sem deixarem de ter o seu próprio sentido?

E fui pelo sonho dentro, liberta de mim, em busca de ti. De ti, que mal viveste a vida e, apesar disso, bem viveste o amor. O amor que foi o teu maior sonho. O amor que encheu a tua vida. O amor que te levou aos maiores sacrifícios. O amor que te matou. De tão intenso. De tão presente. De tão arrebatador.

No sonho havia nuvens azuis e lua prateada e laivos rosados que atravessavam o infinito e flores e animais estranhos e um relógio vertical que eu já vira, mais e mais encoberto pela

grande asa azul, batendo horas fora do tempo, para além do tempo.

Era como um grande quadro de Chagall. Forcei a visão dos noivos flutuando no espaço e o noivo tinha as feições de alguém que tu bem conheceste, e a noiva, etérea, translúcida, envolta em rendas brancas, como tu sonhaste e não viveste, eras tu, era eu...

Uma figura meio invisível tocava em segundo plano o seu violino, mas não passava de um murmúrio como a água do rio que se ouve no silêncio profundo e lá estava o burro de asas de morcego que olhava de olhar vidrado; a sua presença insólita tinha contornos de imagem poética temperada com o cheiro intenso das açucenas...

Os azuis iam-se tornando cada vez mais azuis, quase escureciam tudo e os noivos iam-se esfumando; apenas o vestido branco da noiva ficava suspenso no ar, como um símbolo da tua virgindade nunca perdida.

E já não era eu que estava no sonho, eu era apenas espectadora do sonho que se finava, do sonho perdido.

Eu era agora o grande olho verde que tudo iluminava, num cintilante jogo de luzes, à sombra das emoções do passado e dum futuro sem futuro, entornando poesia sem ter a noção disso. Um misto do real e do fantástico. Nada acontecia, mas um soluço começava a atingir as raias do insuportável, tudo se tornava cada vez mais intenso e obsessivo e o soluço estava prestes a transformar-se num grito lancinante, no grito escancarado de Munch, estático para sempre no infinito espaço azul.

Então, acordei do sonho, exausta, boiando em imagens. E disse para ti, algures: Gi, viveste em mim, na poesia e na revolta, viveste no sonho meu. No sonho nosso.